

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS REVISTAS FEMININAS DA DÉCADA DE 1920 NO BRASIL PELO VIÉS DO DESIGN DE INTERIORES

Aline Kedma Araujo Alves

PPGAV/EBA-UFBA – Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes.

alinekedma@outlook.com

Ana Beatriz Simon Factum

PPGAV/EBA-UFBA – Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes

biasimon@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende investigar as relações entre a construção do ideal feminino do início do século XX e a decoração vinculada na “Revista Feminina” (1914-1936). Trata-se de um estudo em fase inicial desenvolvido como pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, onde se pretende refletir, sob a perspectiva dos estudos de gênero, sobre a decoração/design de interiores, utilizando como recorte o Brasil. Utiliza-se como base empírica uma página específica sobre decoração para averiguar esta relação. Inicia-se um breve histórico sobre as revistas femininas e ideias sobre feminilidade e domesticidade no contexto de uma sociedade higienista. A representação da mulher de acordo com este pensamento foi amplamente divulgada nos periódicos científicos e também leigos, que é o caso da Revista Feminina. Como resultados da relação entre decoração e representação da mulher nestes periódicos, fica evidente a atribuição dada à mulher da responsabilidade com a decoração como uma extensão das atividades domésticas. É notável também a valorização do perfil ideal da mulher-mãe-esposa como coadjuvante para a ordem social e civilidade. Espera-se contribuir para a história do design sob uma perspectiva dos estudos de gênero e mais especificamente para a história do design de interiores.

Palavras-chave: revista feminina; decoração; história do design; design de interiores; estudos de gênero.

Abstract

This article intends to investigate the relations between the construction of the feminine ideal of the early twentieth century and the decoration linked in the "Feminine Magazine" (1914-1936). This is an initial study developed as a master's research in the Graduate Program in Visual Arts, where it is intended to reflect, from the perspective of gender studies, on interior decoration / design, using as a cut-out Brazil . A specific page about decoration is used as an empirical basis to ascertain this relation. A brief history about women's magazines and ideas about

femininity and domesticity in the context of a hygienist society begins. The representation of the woman according to this thought was widely disseminated in scientific and lay journals, as is the case of *Revista Feminina*. As a result of the relationship between decoration and representation of women in these periodicals, it is evident the attribution given to women of the responsibility for decoration as an extension of domestic activities. It is also remarkable the valuation of the ideal profile of the woman-mother-wife as a coadjutant for social order and civility. It is hoped to contribute to the history of design from a gender studies perspective and more specifically to the history of interior design.

Keywords: women's magazine; decoration; design history; interior design; gender studies;

1 Introdução

Este artigo é parte da pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia– EBA/UFBA e pretende ambientar o contexto das mulheres da elite brasileira para permitir uma associação entre a decoração residencial e o “ser mulher”, analisando as suas representações nas revistas femininas no início do século XX.

O campo do design e, sobretudo do design de interiores¹ carece de conteúdo sob a perspectiva dos estudos de gênero. É preciso considerar que esta é uma área de estudo em processo inicial de sistematização de sua teoria e história, sobretudo no Brasil. Desta forma, a relação entre os estudos de gênero e o design de interiores é ainda mais carente de observações sistematizadas, mostrando-se como um tema que está longe de ser esgotado, embora já tenha tido algumas contribuições importantes.²

Trata-se, portanto, de uma revisão bibliográfica que se apoia nos estudos de gênero para situar as inferências dos papéis sociais (BEAUVOIR, 1960) atribuídos às mulheres e homens na época estudada. No entanto, não se ignora a complexidade do termo “gênero” em suas abrangentes manifestações (SCOTT, 1989) apesar de utilizar-se as noções dicotômicas e binárias de feminino e masculino/mulher e homem.

O artigo se valerá dos pressupostos teóricos da cultura visual, utilizando como base empírica um exemplo da seção de decoração do periódico *Revista Feminina* (1914-1936) para demonstrar a relação da mulher do século XX com a atividade da decoração nos ambientes domésticos. Utiliza-se principalmente a análise das imagens

¹ O design de interiores é entendido enquanto prática multidisciplinar que envolve a criação de ambientes interiores que articulam em identidade e atmosfera por meio da manipulação do volume espacial, colocação de objetos e móveis específicos e do tratamento das superfícies. (BROOKER; STONE, 2014, p.252)

² Destaca-se como parte dessas contribuições CARVALHO (2009) e MALTA (2011).

visuais e textuais para compreender o que está por trás destas representações e o que elas nos dizem sobre este período em contexto. Como explicita Malta (2011):

Optamos por lidar com diversos tipos/categorias de imagens para analisar o mobiliário em situação: imagens materiais/sólidas/tridimensionais – os objetos em si nas ambiências; imagens visuais/pictóricas/bidimensionais – representações dos objetos e ambiências; imagens textuais/mentais/abstratas – a partir do que evocam os textos sobre os objetos e os ambientes. (MALTA, 2011, p.21)

A Revista Feminina, assim como outras da época como “A Cigarra”, “Jornal das moças”, “Careta”, “Revista da Semana” e “Eu sei tudo”, está sendo considerada como fonte documental para investigar e fundamentar esta relação entre gênero e decoração³ no desenvolvimento da dissertação.

Este artigo é composto por esta introdução, seu desenvolvimento e, por fim, a conclusão. Na introdução explana-se como o artigo será abordado em questão de temática e metodologia. O desenvolvimento foi subdividido em dois itens: o primeiro intitulado “O Ideal Feminino da década de 1920 no Brasil”, apresenta um breve contexto histórico da época e das revistas femininas; o segundo item intitulado “A decoração na Revista Feminina” analisa uma página específica sobre decoração da Revista Feminina. Encerra-se com a “Conclusão” apresentando os resultados e apontando as contribuições deste estudo.

2 O ideal feminino no Brasil do início do século XX

O Brasil vivenciava durante este início de século sua tentativa de formar um sistema político democrático coeso. No entanto, a República brasileira instaurada em 1889 configurava uma democracia oligárquica de lideranças locais, como o coronelismo e as oligarquias do café e do leite em São Paulo e Minas Gerais. O fim da primeira guerra mundial em 1918 repercutiu no imaginário dos intelectuais brasileiros e junto com a influência das vanguardas europeias impulsionou o movimento modernista brasileiro, divulgado com a Semana de Arte Moderna em 1922, que começou a questionar os ideais de civilização e procurava a nacionalidade brasileira em suas raízes históricas. (BRONSTEIN, 2008, p.23)

³ No contexto das revistas do século XX não é possível ainda tratar a decoração enquanto design de interiores, visto que este termo é atual e se vincula principalmente a pensar a organização de espaços por meio de projetos que envolvem a decoração dos interiores. (BROKER;STONE, 2014)

A crescente urbanização e inserção de políticas públicas para as cidades como o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, contribuíram para formar a ideia do espaço público das ruas como oposição do espaço privado das residências burguesas e assim fortalecer a noção de domesticidade no Brasil. Políticas higiênicas tomadas pelo Estado durante o Império para solucionar as mortes da população por pragas e doenças até então desconhecidas naquele tempo contribuíram para que a noção de urbanização e civilidade se estabelecesse. De forma que a organização da cidade, o saneamento, regras de civilidade para utilização dos ambientes públicos foram sendo incorporados no cotidiano desta população aos moldes europeus e marginalizando as manifestações e os próprios grupos étnicos negros. (DINCAO, 2009, p.226-227)

A formação e a própria estrutura de casa e família burguesa foram construídas sob os padrões de uma estética e comportamentos "brancos" em arranjo específico de família, composto por pai, mãe e filhos. O ideal de mulher também se forma nesta perspectiva higienizada, como evidencia Dincao (2009):

Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães. Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família 'burguesa e higienizada. (DINCAO, 2009, p.229)

É neste contexto da busca pela civilidade que o ideal de mulher deste período está inserido. A mulher casada seria peça fundamental na manutenção da família e do lar, responsável pelo bem-estar de seu marido e filhos. Os manuais de boas maneiras e mais tarde as revistas femininas seriam grandes responsáveis pela divulgação destes princípios para toda a população.

A primeira revista voltada ao público feminino no Brasil foi lançada em 1827. O *Espelho Diamantino – Periódico de Política, Literatura, Bellas Artes, Theatro e Modas Dedicado as Senhoras Brasileiras*, com o intuito de “promover a instrução e o entretenimento do belo sexo da corte, apresentando as novidades mais dignas de sua atenção” (DEOLHO, 2012, 0:30). Depois desta, houve muitas outras como a “Revista da Semana” surgida inicialmente como uma revista de variedades com a seção “Cartas de Mulher” dirigida especificamente às mulheres e que se tornou posteriormente uma revista feminina; e “A Cigarra” surgida em 1914 em São Paulo

não se restringindo ao público feminino, mas com seções e publicações voltadas ao público feminino. (LUCA, 2012, p.452)

O ideal feminino como símbolo de beleza e civilidade está presente nas publicações deste período tanto nas representações da figura feminina quanto no seu texto. A mulher quando representada aparece em trajes finos da época que imitavam a moda parisiense e as tendências da Arte Nouveau e Déco, quer seja em comerciais de móveis ou itens para casa (Figura 1) quer seja em ilustrações do interior doméstico (Figura 2), e ainda nas seções de moda e costura. Quando em fotografias aparecem entre outras mulheres, retratadas em eventos da alta sociedade, em fotos dos seus próprios casamentos e no interior das casas com seus filhos.

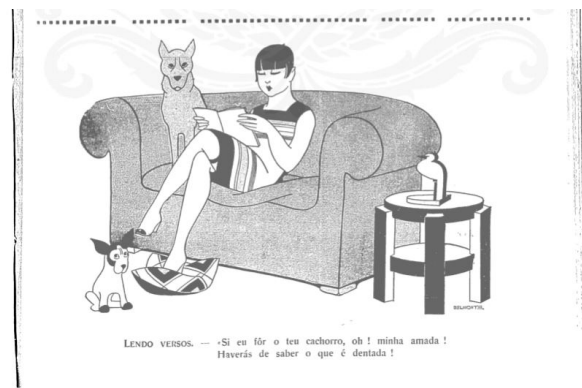


Figura 1: Revista Careta, n.995, p.41, 1927.

Figura 2: Revista Careta, n. 995, p.27, 1927.

Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1927/careta_1927.htm

No padrão estético da Figura 1, a influência da Arte Nouveau se mostra tanto através das formas dos móveis, estampas do tapete, na decoração do interior de maneira geral, quanto nas roupas, sapatos e penteado da mulher representada. Curioso que este estilo seja utilizado como produto no anúncio de tapetes da marca "Sello de Ouro" o que indica que talvez este fosse o estilo ainda mais popular e que ainda fosse a moda vigente na casa das famílias público alvo da propaganda devido à transição de estilo para a Arte Déco.

Já na Figura 2, a charge representa o estilo Arte Déco, talvez como representação deste futuro próximo e como uma linguagem para as pessoas mais jovens a deduzir-se pela linguagem e tom satírico. É notável o estilo da Arte Déco nas formas mais sisudas do sofá, pés regulares, largos e equilibrados da mesa lateral e formas geométricas da almofada, bem como do vestido da mulher representada. Ela ostenta o corte de cabelo bem mais 'moderno' para a época que a mulher da Figura 1.

Tanto os periódicos científicos da época, quanto as revistas leigas, indicavam certos comportamentos como os desejáveis e saudáveis. Sob estes padrões estão firmadas as noções de mulher normal. Como fica entendido no trecho:

O discurso da higiene mental definia a “mulher normal” a partir de alguns tipos muito específicos, como o de “mulher-mãe”, “mulher-esposa” e “mulher-noiva”. O psiquiatra Porto-Carrero alegava que a “esposa-mãe” era o “tipo completo de mulher normal”. (CUPPELO, 2013, p.60)

A imagem da mulher casada, mãe, dona de casa, dedicada e passiva era encorajada não só nas revistas, mas de uma forma geral pelos médicos psiquiatras e outros formadores de opinião, pois acreditavam que elas seriam contribuintes diretas da modernização da sociedade: um verdadeiro símbolo de civilidade deste período. Esta mulher é vista como o padrão de mulher normal ou saudável, do ponto de vista da saúde mental e com base no pensamento da medicina eugenista e higienista como destaca:

Destarte, é possível verificar que as representações modelares de mulher divulgadas pelos higienistas conformam o discurso que associa a identidade feminina normal com lugares sociais muito bem definidos. Basicamente, podemos resumi-las ao papel de mulher-mãe, preocupada com a educação e saúde física e mental de seus filhos, e ao papel de esposa, que “sublima” suas vontades pelo bem maior: a família e, por extensão, a nação. (CUPPELO, 2013, p.61)

A emancipação feminina apesar de não ser tratada como um fim nas revistas femininas era trazida em suas seções como meio de atingir um ideal de mulher ainda mais eficiente no lar, mais generosa e independente para manutenção da harmonia do lar e da família, como fica claro neste trecho da Revista Feminina, escrito por Ana de Castro Osório:

Para ser hoje a boa dona de casa é preciso receber uma educação tão perfeita e difícil, como de uma advogada ou de uma médica. É preciso que a educação seja cuidada pelo ponto de vista do trabalho material. Também é importante que a inteligência feminina se desenvolva e cultive, de modo que ela se torne um valor real dentro do lar, uma companheira do homem moderno e sobretudo a educadora dos filhos. Como ninguém nasce ensinado, apesar da hereditariedade ajudar, é preciso criar escolas domésticas e profissionais, dando à mulher meios de se tornar um fator útil para si e para os outros. (Osório, *Rev. Fem.*, 01/1926, s/p.).

Nas revistas de publicação científica, diferentemente das revistas de cunho popular, o ideal de mulher-mãe-esposa era bem mais limitador e a possibilidade de trabalhar fora de casa era malvista e desencorajada. (CUPPELO, 2013, p.50)

Pelo exposto, fica claro que o ideal feminino divulgado na imprensa nas primeiras décadas do século XX era o relacionado às funções de mãe e esposa como projeto de uma sociedade civilizada e que haviam divergências quanto à se este era o único lugar possível de ocupar, ou se era também possível manter tais características de esposa dedicada, mesmo trabalhando fora de casa.

2.1. A Decoração na Revista Feminina

A “Revista Feminina” (1914-1936) merece destaque neste artigo por se tratar de uma revista direcionada especificamente ao público feminino, surgida em 1914 e com grande relevância na época pela periodicidade mensal e graças ao sistema de distribuição que a fazia circular em todo o território nacional, como explica Antônio (2009):

Nascida dentro de uma empresa que comercializava romances, livros de culinária e, principalmente, cosméticos, chamada Empresa Feminina Brasileira, a revista foi inovadora em vários aspectos. Tinha uma pauta mais estruturada que as revistas da época (em algumas edições de Natal chegou a ter mais de 200 páginas - as revistas ilustradas do mesmo período chegavam a 20 páginas); um sistema de venda por assinatura que permitia chegar ao Brasil todo (na época a distribuição das publicações era bastante concentrada nas poucas grandes cidades que o país tinha); chegou a ter várias edições com tiragens acima de 30 mil exemplares. (ANTONIO, 2009, p.36)

Ela é considerada um marco na imprensa especializada para mulheres, por ter as seções que eram usuais na imprensa feminina e acrescentar um posicionamento interessado nos movimentos políticos referentes aos direitos das mulheres, como o sufrágio universal e notícias sobre tais assuntos em outros países, além de ter sido idealizada, fundada e dirigida por uma mulher, Virgínia Salles de Souza. (ANTONIO, 2009)

Ao mesmo tempo em que a Revista Feminina “não deixava de acolher críticas aos crimes que vitimavam mulheres e declarações favoráveis à sua participação social mais ampla e ao direito de voto”, também difundia “ideias e valores morais em harmonia com os apregoados pela Igreja Católica, aspecto devidamente salientado pela redação”. (LUCA, 2012, p.452) Também se faz necessário lembrar que as revistas femininas do final do século XIX foram escritas por homens (CARVALHO, 2009, p.58) e assim se mantiveram ao longo do século XX com poucas exceções, como é o caso da Revista Feminina que mantinha redatoras mulheres como colunistas fixas, como se pode ler no trecho:

Com a existência já relativamente longa da Revista Feminina, que se acha no quinto ano de sua publicação, e já perfeitamente consolidada do ponto de vista material, pode-se considerar uma realidade a imprensa feminina no Brasil. Seu corpo de redação, bem como muitas de suas colaboradoras, recebem salário fixo, o que implica o jornalismo feminino como profissão. Sua fundadora, durante seus últimos anos de vida, viveu de seu jornal, fazendo dele profissão exclusiva, o que implica a existência do jornalismo feminino como profissão. (LIMA, 2007, p.228)

Apesar do número de mulheres escritoras ter crescido ao longo do século XX a predominância nas redações continuava sendo masculina. Estes colunistas se mantinham na atividade da escrita sob pseudônimos femininos, como é o caso do médico Cláudio de Souza que utilizava o pseudônimo de Ana Rita Malheiros e até 1922 configurava o principal cronista da revista. (LUCA, 2012, p.452-453)

A predominância masculina dentro das redações é um dado interessante sobre a produção dos conteúdos para revistas femininas, pois ancorados sob estas identidades forjadas eles mantinham os valores conservadores sobre como a mulher deveria ser e a agir, influenciando e ditando quais deveriam ser os assuntos de interesse para estas mulheres leitoras, mantendo a lógica androcêntrica.

Sobre os artigos específicos direcionados à decoração na Revista Feminina, observamos que geralmente têm um caráter informativo e educativo para a mulher dona de casa. A decoração neste contexto é entendida como “[...] a arte de arrumar nossas habitações de modo a torná-las agradáveis, cômodas, salubres e confortáveis.” (MALTA, 2011, p.38).

Desta forma, a melhor maneira de seguir com a decoração dos interiores seria uni-la ao “sentimento do bello”. Tal sentimento deveria ser buscado por todas as mulheres, quer seja para sua aparência física ou de seus lares. Encorajava-se as mulheres a aplicar estes ideais de beleza também nos interiores, como uma função estritamente ligada à noção de conforto que era de sua responsabilidade dar aos seus maridos no ambiente doméstico, como Carvalho (2008) evidencia:

Fixava-se quase uma obrigação feminina saber tornar os ambientes domésticos agradáveis, onde seus maridos encontrassem um lugar ideal para o descanso e lá descobrissem a felicidade. Agradar aos maridos seria um dever. (CARVALHO, 2009, p.289)

Tomando como exemplo a relação entre a decoração e o papel da mulher, apresenta-se a publicação de dezembro de 1923 da “Revista Feminina” mais especificamente na página 88 cuja matéria se intitula: “A Esthetica dos interiores”.



Figuras 3 e 4: “A esthetica dos interiores” em Revista Feminina, n.115, 1923.

Fonte: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas

A matéria procurava orientar as suas leitoras sobre a mistura de estilos que deveria ser feita com cuidado e bom gosto onde a intuição feminina seria fundamental para o êxito nesta função. Fica clara a atribuição da decoração como tema essencialmente feminino, onde a natureza feminina por si só teria bom senso em organizá-la da maneira mais harmoniosa possível, como é lido no trecho:

Toda mulher, qualquer que seja seu estado social, possui o dom de compreender o que lhe convém, ou não nesta matéria. Explica-se este facto, não só pelo temperamento da mulher e sua innata sensibilidade sempre desperta para tudo o que se relacione com o lar e a vida doméstica como também pela ancestral adaptação do ambiente. (REVISTA FEMININA, dez. 1923, p.88)

Apesar de naturalizar a decoração como atividade feminina, mostra-se também, o despontar de uma consciência para a necessidade de especialização e conhecimento maior na atividade da decoração, como fica explícito a seguir:

É assim que nenhuma mulher ao instalar o seu interior, deve seguir, á cega, as injunções de seu gosto e nada mais. [...] Além do que o seu instinto e o seu bom gosto lhe dictarem será de muito acerto, recolher aos conselhos de uma pessoa competente. (REVISTA FEMININA, dez. 1923, p.88)

É válido ressaltar que a função da decoração neste contexto era complementar à atividade doméstica, configurada como extensão do trabalho de arrumar a casa e tem o intuito de servir como fruição visual e de conforto que “transporta o homem para longe do campo de batalha que é a vida cotidiana fora de casa” e ainda “funciona como indicador do bom andamento da casa e da família, pré-requisito para o conforto.” (CARVALHO, 2009, p.289)

3 Conclusão

O presente trabalho teve em seu corpo a análise das fontes visuais encontradas nas revistas femininas “Caretas” e a “Revista Feminina” analisando principalmente as ilustrações que apareciam em seções de anúncios publicitários ou seções voltadas à decoração nesse período. Nessas seções analisadas, constatou-se a decoração como parte do conhecimento que era demandado da mulher do período como funções inerentemente femininas.

Identificou-se como foi construída a mentalidade sobre a mulher “normal” e saudável e o quão importante à figura desta foi para o desenvolvimento da urbanização, conceito de civilidade no Brasil e para a manutenção do *status quo* que mantiveram a mulher no lugar dona de casa e submissa monetariamente ao homem durante ainda muitas décadas.

As relações apresentadas neste artigo foram compreendidas a partir do discurso de poder machista da época ressaltando a posição deste grupo social (homens elitizados) para demarcar uma dominação masculina e submissão feminina no ambiente da casa e no contexto da decoração.

Observando a relação entre decoração e o papel desta mulher normal/ideal dos anos 1920, tem-se a possibilidade de tecer associações sobre decoração e questões ligadas ao gênero feminino. Além de ficar clara que a organização do lar e manutenção dos ambientes era considerada como extensão dos trabalhos domésticos. Esta perspectiva não é só possível como também concreta a partir do momento em que se compreende as demandas sociais da mulher (branca, de elite, casada e, na maioria dos casos, mãe), abrangidas e comentadas neste artigo.

Neste horizonte faz-se necessário aprofundar os estudos sobre estas relações de poder no ambiente doméstico para entender estes lugares de rupturas que se manifestam e de que forma a decoração desempenhava papel ativo para manutenção destas posições sociais. Leituras análogas podem ser feitas sobre o design de

interiores, que mantêm em sua constituição elementos oriundos destas relações e que o tornam território com demarcação quase que estritamente de gênero feminino.

4 Referências

ANTONIO, Celso Agostinho. **Revistas Femininas e a Plasticidade do Corpo: a Progressiva Modelagem Comunicativa**. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp115378.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BRONSTEIN, Michelle Muniz. **Consumo e adolescência: Um estudo sobre as revistas femininas brasileiras**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Puc-rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BROOKER, Graeme; STONE, Sally. **O que é design de interiores?** São Paulo: Senac, 2014. 256 p. Tradução de André Botelho.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material**. São Paulo: Edusp, 2008. 368 p.

CUPELLO, Priscila Céspedes. **A mulher (a)normal: Representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do Rio de Janeiro (1925-1933)**. 2013. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História das Ciências e da Saúde, História das Ciências, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/18973>>. Acesso em: 04 set. 2017

DEOLHO no Passado - Periódico O Espelho Diamantino. Intérprete: Isabel Lustosa. Rio de Janeiro: Tv Brasil, 2012. Son., color. Série Observatório da Imprensa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kE-CRAoLUSM>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 223-240.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa Feminina, revista feminina.: A imprensa feminina no Brasil.. **Projeto História**, São Paulo, v. 35, n. 1, p.221-240, dez. 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/2219/1320>>. Acesso em: 12 set. 2017.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em Revista. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 447-468.

MALTA, Marize. **O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. 248 p.

OSÓRIO, Ana de Castro “A questão feminina”. **Revista Feminina**. Revista Mensal, Janeiro de 1926, ano XII, n. 140, s/p.

REVISTA CARETA. Rio de Janeiro, ano XX, n. 995, 1927. Mensal. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1927/careta_1927.htm> Acesso em: 01 nov. 2017.

REVISTA FEMININA. São Paulo: São Paulo e Rio, ano IX, n. 115, dez. 1923. Mensal. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas> Acesso em: 04 jul. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat. Maria Betânia Ávila. Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.